

Cercados: a construção de uma narrativa audiovisual em defesa da informação e da liberdade de imprensa

Cercados: the construction of an audiovisual narrative in defense of information and press freedom

Luiz Felipe Novais Falcão

Doutorando e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); bacharel em Comunicação Social - Hab. Jornalismo pela UFJF; Professor substituto na Faculdade de Comunicação da UFJF. Desenvolve estudos na linha de pesquisa Mídia e Processos Sociais. Pesquisador do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA) e Comunicação Identidade e Cidadania. Juiz de Fora, Brasil E-mail: luizfelipefalcao@gmail.com

Ingrid Pereira de Assis

Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal do Jornalismo, com sanduíche na Universidade de Aveiro; mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão; e bacharel em Comunicação Social - Hab. Jornalismo, também pela UFMA. Professora substituta do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins. Palmas, Brasil. E-mail: ingrid.p.assis@hotmail.com

Resumo:

Este artigo tem como objetivo compreender a disputa de narrativas sobre o trabalho dos jornalistas, sua credibilidade, intenções e comprometimento ao informar, no atual contexto político do país, a partir de elementos narrativos do documentário *Cercados – a imprensa contra o negacionismo*, de Caio Cavechini, disponível na plataforma de streaming Globoplay. Para isso, parte de uma revisão bibliográfica, de modo a desenhar o atual contexto político, de desenvolvimento das mídias digitais e, mais especificamente, do jornalismo como um todo. Na sequência, realiza a análise descritiva do documentário, que se ampara em contribuições da Análise da Materialidade Audiovisual (AMA).

Palavras-chave:

Cercados; telejornalismo; poder simbólico; liberdade de imprensa; violência.

Abstract:

This article aims to understand the narrative dispute about the work of journalists, their credibility, intentions and commitment to inform, in current brazilian political context, from narrative elements of the documentar *Cercados – The Press Against Negacionism*, by Caio Cavechini, available on Globoplay streaming platform. It starts with a bibliographic review, in order to draw the current political context, the development of digital media and, more specifically, journalism as a whole. Afterwards, it performs a descriptive analysis, which is supported by contributions from the the Audiovisual Materiality Analysis (AMA).

Keywords:

Cercados; TV journalism; symbolic power; press freedom; violence.

1 Introdução

O filósofo francês Bernard Manin (1995), ao escrever o seu texto sobre as metamorfoses do governo representativo, há vinte e seis anos, contribuiu com algumas reflexões sobre o comportamento de eleitores, candidatos e líderes. Entre as afirmações iniciais do trabalho, Manin apontava o descolamento da identificação de eleitores com partidos, dando um caráter personalista nos processos eleitorais. Políticos, portanto, investiam na construção de imagens capazes de projetar personalidade a cada uma das lideranças. O autor destaca, ainda, que essa construção se pautava muito em função da relação com os meios de comunicação em massa. “A arena política vem sendo progressivamente dominada por fatores técnicos que os cidadãos não dominam. Os políticos chegam ao poder por causa das suas aptidões e de sua experiência no uso dos meios de comunicação em massa” (MANIN, 1995, p. 1).

Ao frisar as proximidades e diferenças entre os modelos parlamentar, democracia de partido e democracia de público, o autor chamou atenção para aspectos como a independência dos representantes no papel de cuidar dos interesses da vida em comunidade, a liberdade da opinião pública e o debate de ideias entre parlamentar, partido e sociedade. Em cada um dos modelos, as diferenças conduzem para características que vão influenciar no comportamento dos eleitores e, aqui neste trabalho, interessa com mais ênfase o modelo da democracia de público trazida pelo pesquisador.

No comparativo entre os modelos, Bernard Manin (1995) estabelece que, na democracia do público, a partir dos anos 1970, a escolha da representatividade se daria por confiabilidade, em resposta aos termos da mesma escolha e que haveria nessa relação a presença de um comunicador. Nessa perspectiva, são as imagens que determinam a escolha das lideranças que, muitas vezes, são pautadas por pesquisas de opinião que dão sustentação ao debate e à negociação entre governo e grupos de interesse com presença da mídia. O pesquisador frisa que “os resultados eleitorais tendem a variar significativamente de uma eleição para a outra, ainda que se mantenham inalteradas as condições socioeconômicas e culturais dos eleitores” (*Id.*,

Ibid., p. 9). O eleitorado não mais teria explicada, então, sua preferência política por questões sociais, econômicas e culturais.

Quanto ao caráter reativo do voto, o autor explica que, ao que se apresenta enquanto realidade social, o modelo acaba por mascarar a sua dimensão expressiva. A dimensão reativa do voto é mais visível e “isso explica por que o eleitorado se apresenta, antes de tudo como um público que reage aos termos propostos no palco da política” (*Id.*, *Ibid.*, p. 11).

É a partir da consideração de que o eleitorado poderia ser visto enquanto público que reagia ao que a política propunha, em um palco de disputa narrativa e de criação de imagens elegíveis, que se propõe lançar olhar sobre a disputa narrativa por conquistar estes públicos. Uma disputa narrativa que extrapola o campo das eleições. Ela se amplia para a relação entre políticos, o poder público, a mídia e a sociedade de um modo geral. O que se objetiva, neste artigo, é compreender essa disputa com foco nas narrativas criadas sobre o trabalho dos jornalistas, sua credibilidade, intenções e comprometimento ao informar, no atual contexto político do país, a partir de elementos narrativos do documentário *Cercados – a imprensa contra o negacionismo*, de Caio Cavechini.

Vive-se, na atualidade, um agravamento no conflito, nos enfrentamentos e na investida contra a imprensa. Parcela da população, pautada por uma narrativa de ódio, acredita ser a imprensa a responsável por parte significativa das mazelas e problemas que assolam o país. O resultado disso são atitudes violentas contra jornalistas. Segundo o Relatório da Violência Contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, publicado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), os ataques à imprensa e as agressões diretas a jornalistas aumentaram consideravelmente no Brasil, no ano de 2020. Em comparação com 2019, foi registrado um aumento de mais de 100% dos casos. Isso, segundo a entidade, revela “uma significativa fragilização da liberdade de imprensa no país”. Ao todo, foram registrados 428 episódios, 105,77% a mais do que em 2019. Os episódios de descredibilização da imprensa foram a violência mais frequente, totalizando 152 casos, o que representa 35,51%. Ainda de acordo com a publicação, o presidente Jair Bolsonaro (atualmente, sem partido), mais uma vez, foi o principal agressor, sendo o responsável por 175 casos (40,89% do total), desses: 145 ataques genéricos aos veículos de comunicação e aos jornalistas, 26 casos de agressões

verbais, uma ameaça direta aos jornalistas, uma ameaça à TV Globo e dois ataques à FENAJ.

Esta fragilização da imprensa ganha contornos ainda mais preocupantes quando o contexto vivenciado é de uma pandemia, como a da Covid-19. Enquanto os profissionais trabalham arduamente e em condições ainda mais desafiadoras¹, a profusão de informações falsas sobre a doença e desinformação propagada até mesmo por canais oficiais do governo², tornam o fazer jornalístico mais desafiador e, ao mesmo tempo, imprescindível para informar a população adequadamente sobre a doença. É neste panorama que surge o documentário *Cercados – a imprensa contra o negacionismo*, de Caio Cavechini, que se volta a registrar o trabalho da imprensa profissional na batalha contra o negacionismo durante a pandemia.

Neste artigo, primeiro, parte-se de uma revisão bibliográfica de modo a desenhar o atual contexto de desenvolvimento do jornalismo e, na sequência, realiza-se a análise descritiva do audiovisual *Cercados*³, possibilitando a compreensão de como se dá a disputa narrativa da mídia em contrapartida aos comportamentos violentos e agressivos de parte da classe política e da sociedade diante do trabalho da imprensa, no período pandêmico. Para alcançar tais objetivos, como procedimentos metodológicos, aciona-se a análise da materialidade audiovisual (AMA)⁴ e a revisão bibliográfica sistemática.

¹ De acordo com a pesquisa *Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19*, desenvolvida pelo Centro de Pesquisa Comunicação & Trabalho, credenciado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), houve um aumento no ritmo de trabalho dos jornalistas nesse período. Dos 557 profissionais entrevistados para o estudo, 36% relataram que o ritmo de trabalho ficou um pouco mais pesado e 34% afirmaram que o ritmo ficou muito mais pesado. Apenas 15% pontuaram que a rotina ficou um pouco mais tranquila e para 9% não houve mudança nesse aspecto.

² Ver mais em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/16/twitter-faz-alerta-em-post-do-ministerio-da-saude-de-informacao-enganosa.ghtml>>.

³ Documentário original da plataforma de *streaming* Globoplay. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/cercados/t/FKjMrH2mtB/>> acesso em: 01/05/21>.

⁴ A Análise da Materialidade Audiovisual é uma metodologia desenvolvida sob coordenação da pesquisadora Iluska Coutinho no Núcleo de Jornalismo e Audiovisual da UFJF. O método de análise leva em consideração o audiovisual como um todo, o que está ao seu redor, os contextos e relações com os públicos. O método propõe uma espécie de “entrevista ao objeto de pesquisa” com base em eixos análise previamente definidos e fundamentados pelas teorias pertinentes a cada pesquisa.

Antes de partir para a análise, faz-se importante destacar que o formato documentário é, por si só, muito complexo, pois, ao mesmo tempo que se baseia na realidade, abre espaço para um tratamento criativo e mais aprofundado sobre os temas abordados. Comparato (2009, p. 328) define documentário como sendo “filmes que se utilizam de imagens e de personagens ‘reais’ de acordo com sua relevância histórica na evolução da linguagem do gênero”. O autor explica ainda que dentro do gênero documentário existem diversas categorias, tais como reportagens, cinejornais, filmes de natureza, filmes institucionais etc. Percebe-se, então, que o formato documentário ao mesmo tempo que pode ser abraçado pelo jornalismo, também, une-se ao cinema. Aqui, não cabe esgotar essa discussão, mas ela se faz importante, pois se assume que, por ser um formato híbrido, o documentário abre um espaço muito maior para a construção de um ponto de vista específico sobre os assuntos abordados. Como frisa Comparato (*Id.*, p. 338): “Fica quase impossível para o humano não interferir na obra que está relatando. Sempre haverá uma interferência do autor por menor que seja”. Portanto, não se pode deixar de observar que *Cercados* parte de uma visão específica e que é atravessada por uma empresa de comunicação (Globo), historicamente marcada por tomar posicionamentos políticos nem sempre abertos e que, muitas vezes, influenciaram diretamente na política do país.

Demarcado isto, segue-se, então, para o debate acerca das práticas sociais que chegaram ao jornalismo a partir do desenvolvimento da tecnologia, da velocidade das conexões, dos *smartphones* com câmeras embarcadas e aplicativos que reconfiguraram comportamentos dos profissionais da imprensa e da sociedade como um todo.

2 As tecnologias digitais na produção de conteúdo e as relações entre públicos

Primeiramente, é necessário compreender as relações estabelecidas nos últimos anos entre a sociedade e as tecnologias da informação e os dispositivos eletrônicos cada vez menores e mais leves, que dão circulação a um volume generoso de informações, em um tempo cada vez mais acelerado. Conforme frisa Lipovestsky (2016, p. 132): “A revolução da leveza gerou finalmente um fluxo de dados que não

cessa de aumentar e cujos volumes são tão gigantescos que exigem novos armazenamentos, de gerenciamento e exploração”.

Canavilhas (2013) trata desse ambiente como um novo ecossistema midiático ao falar sobre jornalismo transmídia. Embora o foco não seja diretamente no jornalismo transmídia, as relações analisadas neste artigo se aplicam à realidade desse ambiente de profusão de informações, no qual a sociedade está inserida. Ele pontua que, desde o surgimento das mídias digitais somado à relação entre diferentes elementos já existentes, o ecossistema midiático evoluiu. Ele elenca, ainda, diversos fatores para explicar essa evolução, tais como os tecnoambientais que “com aplicações centradas no receptor – como os *blogs* e as redes sociais – alteraram a polaridade do ecossistema. (...) O público ganhou duas novas funções passando também a produzir e distribuir informações” (CANAVILHAS, 2013, p. 55). Esta situação permite a não mais dependência exclusiva das mídias tradicionais para circulação de informações.

Na sequência, o autor fala dos fatores contextuais e, entre eles, a ponderação de que “a hora e o local onde se recebe informação condicionam o interesse no conteúdo e a forma como o receptor a entende” (*Id., ibid.*, p. 55). Ele destaca, ainda, que a mobilidade e a preferência dos utilizadores, somadas às características técnicas de dispositivos, ampliam não só o campo para a distribuição e circulação da informação como também os fluxos e o tempo para o consumo desse super volume de informação, pois, como demarcam Mantovani e Dantas (2011), experiências banais do cotidiano foram transformadas em produtos midiáticos passíveis de armazenamento e, também, recuperação. Sujeitos comuns se tornam produtores de conteúdo e estes passam a competir com outros conteúdos como os jornalísticos, por exemplo.

A pesquisadora Beatriz Becker (2012) traz uma contribuição que reforça as novas relações estabelecidas entre a sociedade e a comunicação contemporânea. Ela se volta a compreender quem são aqueles que contribuem para esse processo, como estes produzem, recebem e lidam com os conteúdos produzidos para diversos suportes tecnológicos e as linguagens utilizadas. A autora explica que tal comunicação – que é atravessada por processos econômicos, políticos e culturais – apresenta três dimensões importantes: a primeira é o consumo e produção por meio de múltiplas telas, a segunda é a transmidialidade e a terceira é a hibridização de linguagens, em um movimento de convergência (BECKER, 2012).

Tais dimensões complexificam o processo de realização e fruição de conteúdos, o que faz ascender alguns questionamentos: quais usos devem ser feitos dessa gama de informações produzidas e colocadas em circulação? Que sentidos atribuir? Ao refletir sobre o fenômeno e tentar responder a tais questionamentos, Becker (2012) propõe uma metodologia para o ensino do jornalismo:

deve-se estimular as apropriações da mídia em ressonância com os interesses dos cidadãos, de modo que não sejam usados ou programados por ela e pela própria imprensa como consumidores passivos das representações de mundo ofertadas pelos meios, mantendo hábitos, valores e escolhas sem questioná-los, para que possam interpretar as notícias atribuindo-lhes significação e sentidos próprios, além de produzir relatos sobre a realidade e as experiências sociais cotidianas em outras direções. (BECKER, 2012, p. 233).

Não se pode deixar, nesse ponto, de chamar a atenção para o papel desenvolvido pelos profissionais de comunicação, que também tem interferência significativa nesse ecossistema. São os jornalistas as referências iniciais de produção noticiosa para o público. As pessoas cresceram acompanhando noticiários, lendo jornal e consumindo informação em diversos suportes. Esse consumo trouxe familiaridade com formas narrativas, gramática do telejornalismo e, de certo modo, o acesso aos meios de produção de informação trouxe, a reboque, a sensação de que o domínio das ferramentas e a experimentação prática fariam do cidadão não jornalista também detentor do domínio da produção da notícia. É inegável, portanto, a afirmação de que a internet e a possibilidade, cada dia maior, de produção e distribuição de informações trazem novos elementos na disputa por reconhecimento e fazem desse universo digital hiperconectado “um espaço de apropriação de novos atores sociais e políticos, que se ancoram, muitas vezes, em discursos de ataque à mídia tradicional” (FALCÃO; TEIXEIRA, 2018, p. 260).

A prática noticiosa está sob ataque na contemporaneidade e as narrativas sobre um jornalismo “desacreditado” impulsionam e interferem no cotidiano de profissionais da imprensa. Além disso, alteram, em certa medida, as coberturas jornalísticas, como será possível demonstrar a partir da análise do documentário, no tópico seguinte.

3 A disputa narrativa pelo poder: Jair Bolsonaro versus mídia tradicional

O jornalista Luciano Trigo (2018), em seu livro *Guerra de narrativas: a crise política e a luta pelo controle de imaginários*, ao se voltar a compreender as narrativas implicadas no contexto nacional que levou ao *impeachment* da presidenta Dilma, em 2016, destaca que o desequilíbrio entre cinco “atores/ fatores” – comportamento dos mercados, das ruas, da classe política, do Poder Judiciário e, ainda, o comportamento da mídia – pode desequilibrar um governo e levar a situações como a sofrida pela presidenta Dilma. “É possível afirmar que, quando esses cinco atores atuam de forma concentrada para derrubar um governo, não há presidente que resista” (TRIGO, 2018, p. 18).

O deslocamento entre esses aspectos comportamentais altera os eixos sociais e implica modificações importantes na disputa pelo poder. Por isso, precisam ser muito bem analisados quanto às narrativas, enquadramentos e imaginários propostos. Não se pretende, aqui, ser panfletário, vidente ou mesmo levantar discussões acerca de um novo processo semelhante. O que se busca, ao trazer essa análise sobre o processo e, também, fenômeno de linguagem que levou ao *impeachment*, é destacar quão fundamentais são estas instâncias na tentativa de compreender a razão de ataques sucessivos entre cada um dos comportamentos elencados aqui.

Quando se observa o poder executivo brasileiro, representado pela figura do presidente Jair Bolsonaro, desferir sucessivos ataques à parte da imprensa tradicional, há um interesse claro em provocar o desequilíbrio nessas relações que também ancoram a democracia para legitimar um imaginário, uma narrativa por ele proposta na perspectiva de assegurar o poder conquistado nas urnas. Cabe ressaltar que o projeto de construção narrativa excludente e desdenhosa da mídia tradicional ajudou, em grande parte, na escalada ao poder, enquanto ainda era candidato. O uso dos dispositivos tecnológicos e a liberação do polo emissor (LEMOS, 2007) descritos na seção anterior contribuíram para uma contra narrativa capaz de influenciar o comportamento do eleitor (FALCÃO; TEIXEIRA, 2018).

Aproveitando-se do desequilíbrio social entre os atores que sustentam os poderes e atacando, em diferentes medidas, cada um deles, o então candidato do PSL

à presidência lança mão do fôlego que a internet ganhou no Brasil nos últimos anos. Entre 2016 e 2017, a penetração da internet nos lares brasileiros passou de 69,3% para 74,9%, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)⁵.

As estratégias de campanha que utilizaram a divulgação de informações e boataria por meio de redes sociais digitais, plataformas de bate-papo e, inclusive de reinterpretções e elaboração de novos sentidos a materiais jornalísticos da mídia tradicional e ainda de audiovisuais produzidos por eleitores arrebatados e mobilizados pelas narrativas de Jair Bolsonaro, contribuíram, significativamente, para vitória nas urnas⁶. Não podemos ignorar também o episódio da facada, sofrido em Juiz de Fora, no dia 6 de setembro de 2018⁷, que o projetou para além da mídia nacional⁸.

A campanha de Bolsonaro nas plataformas sociais digitais reforçou as narrativas da disputa em que o opositor representaria um inimigo. E, muitas vezes a mídia foi colocada como este opositor inimigo. A campanha ganhou força, robustez e deu destaque àquilo que defendia, e ainda defende, Jair Bolsonaro, como explicitam as pesquisadoras Deysi Ciocari e Simonetta Persichetti:

O então candidato visava a uma aproximação com o eleitorado a partir de um discurso nacionalista e patriótico. Bolsonaro surgiu aos olhos do grande público num contexto de Congresso conservador. (...) Na mídia tradicional, Bolsonaro sempre apareceu como um parlamentar polêmico, agressivo, excêntrico, militar estatizante com uma pauta de costumes conservadora. Nas suas mídias sociais, ele trabalha uma imagem de quem defende os valores da família e da sociedade (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2019, p. 153).

O uso das mídias sociais digitais, da internet e o desmerecimento da mídia tradicional não são uma coincidência. A estratégia de questionar a idoneidade e a

⁵ A PNAD Contínua TIC teve como objetivo mensurar dados específicos da Internet, por isso, não foi possível realizar uma comparação com os dados da PNAD Contínua TIC 2016, que englobaram todos os meios de comunicação.

⁶ Ver mais em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/das-123-fake-news-encontradas-por-agencias-de-checkagem-104-beneficiaram-bolsonaro/>>.

⁷ O candidato Jair Bolsonaro levou uma facada enquanto era carregado por eleitores, no Calçadão da rua Halfeld, centro de Juiz de Fora. Ver mais em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>>. Acesso em 16 jan. 2020.

⁸ Ver mais em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/09/06/bolsonaro-leva-facada-veja-repercussao-na-imprensa-internacional.ghtml>>. Acesso em 16 jan. 2020

função social do jornalismo e lançar mão das mídias sociais digitais para isso pode ser explicada por princípios explicitados por Willian Dutton (2009). Ele estabelece e classifica a internet como sendo o Quinto Estado. Para o autor, o espaço aberto pela internet trouxe a potencialidade de fiscalizar, além dos três poderes constituídos, a mídia também.

Ora, se o uso da internet pode representar mais cidadania, ao passo que todos aqueles que têm acesso a ela podem ser produtores e reprodutores de informação e podem monitorar o trabalho da imprensa e acompanhar a mídia, por qual razão desmerecê-la? Por que colocar em xeque seu trabalho? Assim seria possível eliminar parte do controle dos poderes, inclusive o do presidente?

A razão, ao que podemos detectar, é que Bolsonaro e sua equipe conseguiram vencer a disputa presidencial coordenando ações nos ambientes digitais e atacando a credibilidade da imprensa tradicional para minar a possibilidade de a imprensa questionar suas práticas e atitudes (FALCÃO; TEIXEIRA, 2018).

Ramon Salaverría (2019) salienta que, muito embora uma parcela da população não tenha acesso ou, mesmo tendo acesso, não participe das discussões políticas na internet, isso não significa que deixem de sofrer com as práticas e reações políticas ao ambiente digital. Ele reforça que não somos governados por redes, mas elas têm interferência na maneira como operam os governos. O pesquisador vai além ao dizer que é no ambiente da internet que podem ser legitimadas novas fontes de autoridade. Para ele, as redes não são um ambiente de deliberação livre e são publicizadas como sendo, o que funciona como um truque para desacreditar instituições realmente democráticas e consolidadas. Após chegar ao descrédito, tais instituições seriam substituídas por falsas fontes de democracia e autoridade (SALAVERRÍA, 2019).

Nessa perspectiva, ao longo desses três anos incompletos de gestão, o presidente e seus seguidores permaneceram demonstrando, nas redes, a não afeição e a perseguição contra o jornalismo tradicional, que pode ser entendido aqui, mesmo com seus momentos mais difíceis (como na época da censura militar), como uma instituição consolidada no país e no mundo, como um todo.

O fenômeno da desintermediação não ocorre apenas pelo surgimento de novos concorrentes na rede. Também é algo desejado e promovido por certos poderes que veem na mídia e nos jornalistas profissionais um inimigo mais temível do que os usuários de mídias sociais, mais facilmente

manipuláveis (...) quando certos líderes desqualificam a mídia e volta as massas contra as empresas jornalísticas, o fazem desde uma estratégia perfeitamente calculada. É claro que a mídia tradicional tem problemas com a sua falta de independência, mas a erosão da mídia tem sido uma excelente notícia para os manipuladores (SALAVERRÍA, 2019, p. 6).

Conforme dados já abordados, os ataques sistemáticos à imprensa se estabeleceram enquanto prática rotineira do representante do país, foram banalizados e servem de combustível para incitar aqueles que, assim como Jair Bolsonaro, defendem práticas autoritárias e conservadoras⁹ e, cada vez mais, dão vazão às emoções que disparam a mobilização em torno do imaginário político que, hoje, governa o Brasil. Geilson Fernandes e Maria das Graças Coelho (2018) detalham que o comportamento mais combativo, menos tolerante e harmonioso, vem ganhando espaço e se desenvolvendo entre os usuários de mídias sociais digitais no Brasil, desde as jornadas de 2013. Afirmam, ainda, que as redes sociais abrem espaço para o escoamento de sentidos do que é o Brasil e o que são os brasileiros, sentidos esses que são atravessados desordenadamente por emoções e sentimentos. “Nelas dissensos e disputas se fazem presentes, são (re)produzidos ressentimentos, testemunhos raivosos, conflitos, que convivem com muitos outros discursos” (OLIVEIRA; COELHO, 2018, p. 18).

As disputas simbólicas que vêm sendo travadas e os novos sentidos traduzem emoções que levam a sociedade para um lugar perigoso. A dualidade, o acirramento das tensões, opiniões e ânimos, provocados por esse ambiente descrito neste artigo expõem que as visões preconceituosas, classistas e reducionistas ainda são uma realidade. A sociedade, segundo os autores, divide-se de um modo cada vez mais explícito e os filtros sociais vêm sendo desvelados.

A emergência dos sentidos que atravessam as práticas discursivas apresentadas, marcadas pela raiva, a intolerância, o ódio e outras questões associadas, com circulação efetiva no espaço público, assinala transformações contundentes em torno da cultura e da identidade brasileira. Isso assevera um tempo histórico singular, no qual as emoções mobilizam

⁹ Conforme descreve Lilia Moritz Schwarcz (2019, s/p): “No Brasil, também andamos ‘surfando’ numa maré conservadora. Afinal, uma certa demonização das questões de gênero, o ataque às minorias sociais, a descrença nas instituições e partidos, a conformação de dualidades como ‘nós’ (os justos) e ‘eles’ (os corruptos), a investida contra intelectuais e imprensa, a justificativa da ordem e da violência, seja ela produto do regime que for, o ataque à Constituição e, finalmente, o apego a uma história mítica, fazem parte de uma narrativa de mais longo curso, a qual, no entanto, tem grande impacto no nosso contexto nacional e contemporâneo”.

atores políticos e os seus discursos, instaurando reconfigurações no senso de justiça e nos horizontes da moralidade, haja vista o papel fundamental que as emoções exercem na formação do senso moral e no desenvolvimento de valores (*Id., Ibid.*, p. 18).

A tomar como exemplo o presidente da República, que por meio de declarações que afrontam, que desmerecem e debocham do trabalho da imprensa, o público vivencia a narrativa de intolerância e autoritarismo, proposta por Jair Bolsonaro. Cotidianamente, ele continua fazendo espetáculo de si mesmo e realimentando as redes sociais digitais dos seus apoiadores.

Campanella recorre a Axel Honett (1995) para explicar o desenvolvimento identitário das pessoas e das suas relações na busca por autoconfiança para desempenhar suas atividades sociais. Ele explicita que direito, amor e reconhecimento fazem parte de um processo para que esse sentido seja produzido. Ao se reconhecer no outro, o sujeito entende que ambos têm os mesmos direitos e deveres além da percepção da singularidade de cada um em relação aos outros.

A classe política, em disputas eleitorais, tende a trabalhar essa necessidade de reconhecimento que cada um, na sociedade, busca. A habilidade em reconhecer as fragilidades, os anseios e, principalmente, os medos de cada um e, a partir daí, elaborar estratégias narrativas para a construção de um imaginário é fator decisivo.

Bolsonaro nunca foi uma voz isolada que venceu uma campanha eleitoral sem explicação. Foi amplamente amparado por um Congresso extremamente conservador. Costumamos dizer que o Congresso é a sala de casa da população brasileira, reflete exatamente como pensamos. E somos uma sociedade conservadora que foi pega por uma mudança no cenário político a partir de 2013, com as Jornadas de Junho. Some-se a isso a Operação Lava Jato que expôs a corrupção endêmica nos partidos, especialmente no PT, Jair Bolsonaro surge num contexto em que as pautas progressistas típicas dos partidos de esquerda traziam insegurança. Bolsonaro apelou aos valores do passado (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2019, p. 149).

Quando esses ingredientes encontram amplificadores em ambientes mediados por computadores e algoritmos, que nos conectam a grupos de interesse semelhantes, os políticos conseguem implementar narrativas que dialogam com as carências, afetividades, inclinações e desejos de parte da sociedade. Campanella (2019) entende, diante dessa relação mediada, que as mídias sociais digitais ultrapassaram o limite tecnológico. Elas se tornam instituição e produto cultural por conseguirem conectar pessoas de maneira profunda a uma ideia social.

Além disso, nos ambientes das plataformas de redes sociais, são estimuladas a formação e manutenção de laços fracos entre os participantes da rede. Laços fracos são importantes por ser maior a probabilidade de servirem como pontes de conteúdo entre os diferentes nós da rede. Segundo Granovetter (1983), a circulação de informações relevantes pode se dar a partir de contatos ocasionais ou fracos. Os laços fracos acabam funcionando como propagadores de conteúdos devido a sua quantidade, atuam como pontes que interligam diferentes perfis. O resultado final da abundância de laços fracos nas redes é o aumento da: “...probabilidade de os indivíduos acessarem conteúdos, nichos e experiências a que não teriam acesso através de suas redes mais próximas” (SILVA; STABILE, 2016, p. 242). Conseguindo manter e alimentar uma boa rede de laços fracos, pode-se contribuir significativamente na propagação de informações falsas, ou mesmo na alimentação de discursos de ódio contra uma personalidade política (Lula) ou um partido (PT), por exemplo. Ao mesmo tempo, por meio desses mesmos laços, pode-se fortalecer uma perspectiva social de valorização e idealização do passado, como o fez Jair Messias Bolsonaro durante campanha, segundo apontamentos de Cioccarri e Persicheti (2019), já mencionados.

4 A análise de Cercados – a imprensa contra o negacionismo

Inicia-se este tópico explicando a metodologia para, então, seguir para sua aplicação e, conseqüentemente, análise do documentário *Cercados – a imprensa contra o negacionismo*. A Análise da Materialidade Audiovisual (AMA) tem como objeto de avaliação a unidade formada a partir da junção entre texto + som + imagem + tempo + edição, em toda a sua complexidade. Isso significa dizer que serão analisados os códigos, sentidos e símbolos da narrativa que compõe o *corpus*. Tal metodologia foi desenvolvida no âmbito das pesquisas realizadas pelo Núcleo de Jornalismo e Audiovisual – NJA (CNPq-UFJF), coordenado pela Prof^a. Dr^a. Iluska Coutinho. Sendo assim, tais pesquisas já demonstraram a sua aplicabilidade para a análise de produções similares a que está sendo o foco deste artigo.

Ao propor como método possível a análise da materialidade audiovisual propõe-se que o analista ou estudioso do telejornal também teria seus dispositivos particulares para olhar e compreender seu objeto de estudo. No âmbito das investigações realizadas no NJA às lentes da dramaturgia do

telejornalismo se associariam outros efeitos, de imagem, som, experiência e interpretação, acionados conforme os objetivos a desvelar, referências teóricas mobilizadas em cada pesquisa (COUTINHO; MATA, 2018, p. 10)

É válido ressaltar que a AMA abre espaço para, a partir dos termos audiovisuais identificados, realizar inferências e até mesmo interpretações de possíveis fluxos voltados às etapas de circulação e consumo do material analisado (COUTINHO, 2016).

Feita esta breve apresentação da metodologia, passa-se, agora, ao documentário e à respectiva análise. *Cercados – a imprensa contra o negacionismo* foi dirigido por Caio Cavechini e seu foco é no registro do trabalho dos jornalistas em diversos veículos de comunicação brasileiros desde abril de 2020, quando a pandemia já havia chegado ao Brasil. Há a marca da metalinguagem neste documentário, que estreou no Globoplay (plataforma de *streaming* da Globo) no dia 3 de dezembro, que fica evidente no processo de usar o jornalismo para falar sobre jornalismo.

A ideia do documentário surgiu no próprio mês de abril, quando as gravações já iniciaram. Dessa forma, a demissão do então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, é o único momento ao qual a equipe recorre a arquivos para recuperar a história. Deste fato em diante, as gravações passaram a ser feitas já pensando no documentário, em tempo real. Ao fim, o documentário acaba por abordar temas que se entrelaçam de modo a conseguir retratar este momento histórico do país de forma fidedigna. Aparecem na produção as crises políticas, o desencadear da pandemia, a rotina dos jornalistas no período, incluindo as violências sofridas. Este último tema aparece entrelaçado aos demais e ganha destaque até pelo próprio nome do documentário, que remete ao espaço destinado aos profissionais da imprensa que cobrem a rotina do presidente, localizado portaria do Palácio da Alvorada, residência oficial da Presidência. Neste local, muitos jornalistas sofreram violências.

Embora conte com algumas entrevistas, uma marca narrativa do documentário é permitir a imersão nas situações cotidianas vivenciadas pelos jornalistas, de veículos diversos e em funções diversas (fotógrafos *freelancers*, repórteres de política, *videomakers*, etc.). Trata-se de uma produção feita a partir do trabalho de muitos profissionais que ajudam a mapear o que foi produzir jornalismo, no primeiro ano da pandemia de Covid-19, no Brasil.

Respeitando as etapas metodológicas da AMA, percorreu-se toda a narrativa, inicialmente, em busca daquilo que ela dizia de si e do contexto em todas as camadas de significado. Feita esta leitura mais fluida, voltou-se o olhar para a pergunta a ser respondida enquanto pesquisadores atentos ao material audiovisual. Observou-se como o documentário ressignificou imagens exibidas pelo telejornalismo, em associação a outras imagens feitas para o documentário e imagens dos ambientes das plataformas sociais digitais. Além disso, foi observada a costura dessas imagens com sons, os silêncios, os textos, caracteres, as fotografias e os efeitos simultâneos de todos esses elementos associados. Notou-se a indissociabilidade entre as repercussões de entrevistas exibidas, momentos muito significativos do contexto social naquele momento e os desdobramentos. O deslocamento de fragmentos narrativos de telejornais editados junto de outros materiais audiovisuais, trilhas sonoras e sobe sons também foram levados em conta, para compreender a produção de sentido do documentário como um todo, na inteireza. A significação audiovisual é uma experiência complexa que demanda sentidos múltiplos e acionamentos de outras esferas de referências trazidas para a experimentação audiovisual. As pontuações de vivência de jornalistas são imprescindíveis na amarração da narrativa. Os sentimentos ali presentes são humanos. Além de experimentados são compartilhados com o público, dada essa construção plural. A junção simultânea de múltiplos materiais, técnicas e processos é o que cria a atmosfera de entendimento daquilo que o documentário busca fazer: contraposição à narrativa de desmerecimento e desvalorização do trabalho dos jornalistas. O processo metodológico permitiu assim listar e verificar quais elementos da construção narrativa demonstravam resposta/reação da mídia à toda violência sofrida. Para isso, foram elencados os eixos para análise: o audiovisual na sua complexidade (observação sem o descarte de qualquer elemento produtor de sentido, seja ele textual, visual, auditivo, recursos gráficos, edição e contextos); os contextos políticos, sociais e culturais (acionados durante o documentário, mas, também, referenciados pelas experiências externas do público e dos pesquisadores); os elementos discursivos e narrativos que reafirmam a construção do imaginário em torno do fazer jornalístico na pandemia.

Traçados os eixos a serem observados, voltou-se, em um novo processo de observação do documentário, foi possível identificar os elementos que definiram cada

uma das personagens dessa história, observar como a cobertura da pandemia ancorou a construção do documentário, demonstrar as violências sofridas pelos jornalistas, além de perceber e avaliar a narrativa que mobilizou sentimentos e reflexões.

Destacam-se, aqui, algumas das partes significativas dessa produção de uma hora e 56 minutos de produção. O início da narrativa é uma reunião de pauta do Jornal Nacional, do dia 15 de maio de 2020. Na sequência, são exibidas imagens de uma coletiva de imprensa e seus bastidores. O áudio das reportagens exibidas no dia entra como trilha de novas imagens, inclusive a do presidente chegando ao “cercadinho” onde fica a imprensa, na entrada do Palácio da Alvorada. Essa contextualização marca não só o processo de produção da notícia como, também, apresenta o espaço central do audiovisual, palco de muitas das violências sofridas pela imprensa. Aqui, como em outras partes da narrativa, é possível perceber e inferir que as imagens sobrepostas no trabalho da edição e adicionadas sonoras já exibidas pelo telejornal ganham outros contornos. A seleção de trechos feitos em momentos distintos, recortados de outros audiovisuais conseguem dar o tom do trabalho. É possível, em vários momentos, perceber o destaque para expressões e ações dos jornalistas, que pontuam a discordância em relação à condução da pandemia pelo planalto. Isso humaniza suas reações e perplexidades, o que é algo pouco usual de ser observado na rotina desses profissionais.

É importante destacar também que os silêncios, sobe sons e trilhas sonoras de suspense e, por vezes, de westerns, acionam sensações de apreensão e tensão já vivenciadas outrora pelos muitos públicos de audiovisual. Nos primeiros quinze minutos da produção, por exemplo, a escolha por mostrar as rotinas de preparação de fotógrafos e desvelar as motivações para os registros estampados nos fragmentos daquilo que foi noticiado é ancorada pelos ruídos ambientes, depoimentos de familiares de vítimas, choros, silêncios e narração dos sentimentos pelos fotógrafos. Muitas vezes, essa atmosfera narrativa contou com imagens preto e brancas dando o tom fúnebre, dramático. A abertura que mostra primeiro os personagens principais (jornalistas), que humanizam as relações (histórias de vítimas), e inicia o conflito descrito numa sequência de fragmentos audiovisuais antagônicos de falas do presidente Jair Bolsonaro e o ex-ministro Mandetta. A edição muda de ritmo, sinalizando o volume de situações embaraçosas, chegando ao cercado, lugar de

convergência para as narrativas de conflito do documentário e suas muitas situações relatadas.

A descrição do ambiente é feita com imagens de bastidores e rede sociais. Cercados por apoiadores vestidos de verde e amarelo e que empunham celulares em posição de gravação de vídeo-*selfies*, os jornalistas já são apresentados como vítimas dessa violência. Chama atenção a fala do presidente aos jornalistas nesse momento: “Quando pararem de fazer fofoca, falo com vocês.” Entre aplausos dos apoiadores uma das mulheres vocifera: “Deixem o presidente governar. Quando vocês estiverem com fome, sem trabalhar, sem poder sair de casa e apanhar na rua... Quando vocês começarem a apanhar vocês vão dar valor a um presidente”.

A seleção e edição desses trechos de áudio e vídeo conseguem dar a dimensão e a materialidade da estratégia do presidente de busca por poder, tratando a imprensa como inimiga. O que se observa na sequência são relatos de profissionais no cotidiano da cobertura do início da pandemia e seus efeitos. Mais uma vez, a seleção de trechos da entrevista e a seleção das imagens vão pontuando a humanidade dos profissionais da imprensa, o horror vivido e a perplexidade que encontram diante dos ecos da construção narrativa das falas do presidente no comportamento da população. Os sons dramáticos seguem costurando a narrativa que mostra o sentimento humano, o trabalho heroico dos jornalistas e as contradições do planalto. Em uma das entrevistas¹⁰, o fotógrafo Raphael Alves, da Agência EFE, conta que presenciou o marido de uma das vítimas dizer que o vírus é invenção para atrapalhar governos.

A narrativa do documentário segue intercalando entrevistas com jornalistas no exercício da função, áudios das reportagens do Jornal Nacional exibidas cobertas por imagens feitas para o documentário e fotografias publicadas nos jornais. As situações vivenciadas por repórteres no “cercadinho” e apresentadas pelo documentário são sempre as em que o presidente trata os profissionais com grosserias, deboches e ataques, ações seguidas pelo apoio dos seus eleitores, sempre com celulares ligados

¹⁰ Transcrição do trecho da entrevista: “Essa foi a primeira foto que eu fiz no cemitério e essa senhora faleceu. E uma coisa me chamou muita atenção foi que o marido dela, apesar de ela ter sido testada para Covid, ter entrado na estatística, ter saído com a certidão de óbito informando isso, o marido não acreditava. Dizia que esse vírus é uma invenção para derrubar governos”.

em transmissões ao vivo e gravações de vídeo-selfies.

As entrevistas com editores dos veículos são outro ponto a ser destacado. Elas demonstram a preocupação de submeter os profissionais a esta situação¹¹. É pontuada, inclusive, a compreensão dos jornalistas mesmo diante de redução de salários. Fato que, narrativamente, coloca os jornalistas como profissionais atentos a sua responsabilidade, resilientes, praticamente, heróis. Essa narrativa demarca um contexto trazido nas entrelinhas do documentário, que pode ser vista como uma estratégia de valorização simbólica de jornalistas: altruístas, eles têm o valor dos salários diminuídos e, mesmo diante do sofrimento vivenciado, seguem no ofício de informar. Essa construção narrativa do valor profissional se repete em novas situações apontadas na sequência.

As falas agressivas e desdenhosas aos repórteres no cercadinho vão pontuando a construção narrativa paralela da crise sanitária. O documentário segue alternando imagens das reportagens, seus áudios com cenas de bastidores e registros de cada um dos momentos de tensão. Até que começa a ser exibida a preocupação de veículos com a permanência das equipes no local. O documentário registra mais agressões de apoiadores que, legitimados pelo presidente, seguem agredindo e filmando os constrangimentos a que submetem os jornalistas. É tomada pelos veículos de imprensa a decisão da retirada das equipes de profissionais do cercadinho. A gradação e enumeração dos episódios entremeados pelas narrativas de famílias devastadas com a perda de parentes, entrevistas coletivas constrangedoras por parte de lideranças do governo e, ainda, os relatos profissionais, vão agregando sentido ao que o documentário se põe a revelar: é a violência sofrida no espaço do cercadinho diante da amplitude das proporções da pandemia e o sofrimento desdenhado pelo presidente. Aqui, está uma das construções narrativas mais significativas para reforçar a ideia de importância do jornalismo e da barbárie por ele sofrida.

O documentário registra, ainda, no dia 5 de junho de 2020, o momento em que o presidente Jair Bolsonaro anuncia o atraso na divulgação dos dados do Ministério da Saúde, para não ser noticiado pelo JN, e a repercussão na redação do noticiário. Neste

¹¹ Transcrição da entrevista: “Cê vê, lá na saída do palácio, os jornalistas ficam confinados num lugar ao lado dos apoiadores dele. Então, ele vai, ataca e ele incentiva as pessoas que estão lá a fazerem a mesma coisa com os jornalistas que estão trabalhando”.

ponto, mais uma vez, a narrativa construída revela o ato de reação diante do ataque: é tomada a decisão de um plantão da Rede Globo. São exibidas cenas dos jornalistas confortando outros jornalistas por ficarem mais tempo na redação, o trabalho de apuração e a exibição dos dados. Na sequência, é apresentada a formação do consórcio de imprensa, o que demonstra, mais uma vez, a resiliência e capacidade de superação dos jornalistas.

O último destaque narrativo do documentário *Cercados* é em relação à cobertura do dia em que as mortes pela Covid-19 atingiram a marca das 100 mil vidas perdidas. Há a exibição na íntegra da nota editorial lida por Renata Vasconcelos e William Bonner. O texto lido pelos apresentadores é coberto por imagens de pessoas que acompanham o noticiário por todo o Brasil. A construção narrativa dessa disputa entre imprensa e Bolsonaro revela a importância da imprensa e do telejornalismo ao informar brasileiros e brasileiras, de todas as classes sociais, idades e regiões. Pontua a criticidade da imprensa ao noticiar as 12 semanas sem ministro da Saúde e recordar a gradação de todas as polêmicas do presidente, que evidenciam o desprezo do governante com a pandemia. Mostrando a grandeza do ato de informar, reforçando o lugar da imprensa e dos jornalistas como resistência, heróis e heroínas no papel de informar. O documentário inverte a narrativa do presidente. Nele, o vilão não é a mídia e, sim, o próprio presidente.

5 Considerações Finais

Com o objetivo de compreender a disputa narrativa entre o documentário *Cercados – a imprensa contra o negacionismo*, de Caio Cavechini, e as estratégias acionadas pelo presidente Jair Bolsonaro e seus seguidores mais fervorosos, este artigo iniciou diagnosticando que a população brasileira vem abandonando o rótulo de pacífica, tolerante e respeitosa. Somado a isso, identificou-se que surgiram novos atores políticos que se valem desse desvelar para reforçar os comportamentos de intolerância, de autoritarismo e alçar visibilidade. Ademais, os dispositivos digitais aumentam a possibilidade de produção de conteúdo mobilizador, uma vez que o acesso a produção e a circulação de informações estão ampliados. O papel de quem faz isso profissionalmente começa a sofrer questionamentos e ataques numa disputa por lugar

de fala. O terreno se torna fértil para a propagação de conteúdo sem verificação, boataria digital e uma mobilização populacional que nem sempre tem como parâmetros condutas democráticas de concordância ou discordância com decisões de quem está no poder. A instabilidade gerada por essas práticas se torna providencial para alguns políticos na execução de seus projetos de poder, que não teriam tanta projeção em um contexto mais democrático e estável.

Ao perceber o desequilíbrio entre os comportamentos da sociedade, dos poderes e da mídia, Jair Bolsonaro lançou estratégias de uma comunicação desintermediada, descolada da mídia tradicional, para se apropriar dos discursos dissonantes, dos discursos do medo e de se firmar como “arauto da moral e dos bons costumes” para uma parcela da população insatisfeita com o contexto sociocultural e político do Brasil.

O entendimento de que a sua forma de se comportar fora dos ambientes midiáticos tradicionais seriam suficientes para manter a fidelidade do público eleitor fez o presidente eleito avançar em uma estratégia de tratar a imprensa como inimiga, afastando seus fiéis eleitores desta imprensa tradicional. Ao dissuadir a imprensa e negar o papel que ela exerce na sociedade, o público eleitor abre mão do poder de fiscalizar, em parceria com a mídia e os demais poderes.

Evidentemente que essa narrativa suscita outras, tal qual a do documentário analisado neste artigo, que tentam suplantar as ideias de quem tem, hoje, a máquina do Estado para tentar firmar seu controle e poderio. E esse deve ser o foco de quem busca alcançar um regime democrático pleno: observar as narrativas; detectar nelas os ditos, não ditos e interditos; e ampliar a consciência cidadã. As ferramentas de comunicação trazidas com a tecnologia até têm o potencial mobilizador e emancipatório do cidadão, desde que essas pessoas de fato exerçam seu direito à informação, desenvolvam sua percepção crítica e assumam para si, conscientemente, aquela narrativa que vai lhe permitir não apenas reagir à discursos, mas interferir, propor e atuar na elaboração de uma democracia.

REFERÊNCIAS

INTERIN, v. 26, n. 2, jul./dez. 2021. ISSN: 1980-5276.

Luiz Felipe Novais Falcão; Ingrid Pereira de Assis.

Cercados: a construção de uma narrativa audiovisual em defesa da informação e da liberdade de imprensa. p. 97-118.
DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin.2021.Vol26.N2.pp97-118

BECKER, Beatriz. Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. **Revista Matrizes**, São Paulo, Ano 5 – nº 2, p. 231-250, jan./jun, 2012.

CAMPANELLA, Bruno. Em busca do reconhecimento midiático: a autorrealização do sujeito na sociedade midiaticizada. **Revista E-Compós**, v. 22, nº 1, 5 abr. 2019.

CANAVILHAS, João. Jornalismo transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. In: RENÓ, Denis. CAMPALANS, Carolina. RUIZ, Sandra. GOSCIOLA, Vicente. **Periodismo transmedia: miradas múltiplas**. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2013.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. A campanha eleitoral permanente de Jair Bolsonaro: O deputado, o candidato e o presidente. **Revista Lumina**, [S. l.], v. 13, nº 3, p. 135–151, 2019.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2009.

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

COUTINHO, Iluska; MATA, Jhonatan. Um telejornal e um método para chamar de nossos: uma reflexão sobre telas, fronteiras e modos de olhar. In: **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/viewFile/1423/707>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

DE OLIVEIRA, Geilson Fernandes; COELHO, Maria das Graças Pinto. Crise política e conflitos discursivos em redes sociodigitais: emoções, cultura e identidade no Brasil contemporâneo. In: **Revista E-Compós**, v. 22, nº 1, 21 dez. 2018.

DUTTON, Willian H. Through the network (of networks) – the fifth Estate. In: **Journal Prometheus- Critical Studies in Innovation**, Volume 27, 2009 – Issue 1. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1134502>. Acesso em: 19 abr. 2021.

FALCÃO, Luiz Felipe Novais; TEIXEIRA, Gustavo. E a comunicação pública, candidato???: jornalismo nas mídias sociais digitais nas eleições 2018. In: FERNANDES, Carla Montuori. **Comunicação política, eleições 2018 e campanha permanente**. São Paulo: Cia do Ebook, 2019.

FENAJ. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**. Fenaj: Brasília, 2021. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf>. Acesso em: 17 abr 2021.

FORD, Aníbal. **Navegações: comunicação, cultura e crise**. UFRJ, 1999.

GRANOVETTER, M. **The strength of weak ties: a network theory revisited**. *Sociological Theory*, 1, 201-233, 1983.

LEMOS, André. Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes**, v. 1, nº 1, p. 121-137, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **Da leveza: rumo a uma civilização sem peso**. São Paulo: Editora Manole, 2016.

MANIN, Bernard. As metamorfoses do governo representativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 10, nº 29, out., 1995.

MANTOVANI, C.; DANTAS, G. G. C. . Os fluxos informacionais nos dispositivos móveis. In: MOURA, M. A. (Org.). **Cultura informacional e liderança comunitária**. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2011.

SALAVERRIA, Ramon. Fluxos Comunicacionais e Crise da democracia. In: **Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Pará, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Ramon-Salaverria/publication/335635563_Fluxos_comunicacionais_e_crise_da_democracia_keynote_at_INTERCOM_2019_42_Congresso_Brasileiro_de_Ciencias_da_Comunicacao/links/5d712b32a6fdcc9961b04b6d/Fluxos-comunicacionais-e-crise-da-democracia-keynote-at-INTERCOM-2019-42-Congresso-Brasileiro-de-Ciencias-da-Comunicacao.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Tarcízio; STABILE, Max. Monitoramento e pesquisa em mídias sociais— metodologias, aplicações e inovações. **Análise de redes em mídias sociais**. São Paulo: Uva Limão, 2016.

TRIGO, Luciano. **Guerra de narrativas: a crise política e a luta pelo controle do imaginário**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018.

Recebido em: 14.05.2021

Aceito em: 20.06.2021